

Charta Oecumenica

Linhas mestras
para o aumento da colaboração
entre as Igrejas na Europa

Original: Alemão

Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE)

Gallusstrasse, 24, CH – 9000 St. Gallen

Tel: +41 71 227 33 74 Fax: +41 71 227 33 75 - ccee@ccee.ch - www.ccee.ch

Conferência das Igrejas Europeias (KEK)

P.O. Box 2100 - 150, route de Ferney CH-1211 Geneva 2

Tel: +41 22 791 62 28 Fax: +41 22 791 62 27 - cec@cec-kek.org - www.cec-kek.org

Charta Oecumenica

Linhas mestras para o aumento da colaboração entre as Igrejas na Europa

«Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!»

Enquanto Conferência das Igrejas Europeias (KEK) e Conselho das Conferências Episcopais Europeias (CCEE), estamos firmemente determinados, no espírito da mensagem dimanada pelas duas Assembleias Ecuménicas – de Basileia, 1989, e de Graz, 1997 –, a manter e desenvolver mais a comunhão que se estabeleceu entre nós. Agradecemos ao nosso Deus Trino, que, por meio do Espírito Santo, conduz os nossos passos rumo a uma comunhão cada vez mais intensa.*

Já se afirmaram variadas formas de colaboração ecuménica, mas, fiéis à pregação de Cristo: «Que todos sejam um, como Tu, Pai, o és em mim e Eu em ti, também eles sejam em nós um só, a fim de que o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17, 21), não podemos considerar-nos satisfeitos com o actual estado de coisas. Conscientes da nossa culpa e prontos para a conversão, devemos empenhar-nos em superar as divisões que ainda existem entre nós, de modo a anunciar juntos, de modo credível, a mensagem do Evangelho aos povos.

* À Conferência das Igrejas Europeias (KEK) pertence a maior parte das Igrejas ortodoxas, reformadas, anglicanas, livres e vetero-católicas. No Conselho das Conferências Episcopais Europeias (CCEE) estão agrupadas as Conferências episcopais católicas romanas da Europa.

Na escuta comum da Palavra de Deus, contida na Sagrada Escritura, e chamados a confessar a nossa fé comum, e bem assim a agir juntos, em conformidade com a verdade reconhecida por nós, queremos dar testemunho do amor e da esperança para todos os seres humanos.

No nosso continente europeu, do Atlântico aos Urais, do cabo Norte ao Mediterrâneo, hoje mais que nunca caracterizado por um pluralismo cultural, queremos comprometer-nos com o Evangelho pela dignidade da pessoa humana, criada à imagem de Deus, e contribuir juntos, como Igrejas, para a reconciliação dos povos e das culturas.

Nesse sentido, elaborámos a Charta como compromisso comum com o diálogo e a colaboração. Ela estipula fundamentais deveres ecuménicos donde faz derivar uma série de linhas mestras e compromissos. Ela deve promover, a todos os níveis da vida das Igrejas, uma cultura ecuménica de diálogo e colaboração, e, para tanto, (deve) criar um critério vinculativo. Ela não se reveste, todavia, de nenhum carácter magistral, dogmático ou canónico.

A sua normatividade consiste mais na auto-obrigação por parte das Igrejas e das organizações ecuménicas signatárias. Estas podem, com base nestes textos, formular, no seu (próprio) contexto, integrações próprias e orientações comuns, que tenham concretamente em conta específicos desafios próprios e os correspondentes deveres.

Creemos na «Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica»

«Procurai conservar a unidade do Espírito, por meio do vínculo da paz. Um só corpo, um só espírito, como uma é a esperança a que fostes chamados, a da vossa vocação, um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. Um só Deus Pai de todos, que está acima de todos, age por meio de todos e está presente em todos» (Ef 4, 3-6).

1. Chamados juntos à unidade da fé

Em conformidade com o Evangelho de Jesus Cristo, como testemunhado na Sagrada Escritura, e formulado no Credo de Niceia-Constantinopla (381), acreditamos no Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo. A partir do momento em que, com este Credo, professamos a Igreja «Una, Santa, Católica e Apostólica», o nosso iniludível dever ecuménico consiste em tornar visível esta unidade, que é sempre dom de Deus.

Diferenças essenciais no plano da fé impedem ainda a unidade visível. Subsistem concepções diferentes, sobretudo a propósito da Igreja e da sua unidade, dos sacramentos e dos ministérios. Não nos é concedido resignar-nos com esta situação. Jesus Cristo revelou-nos na cruz o seu amor e o segredo da reconciliação: daí que queiramos fazer o melhor possível para superar os problemas e os obstáculos que ainda dividem as Igrejas.

Comprometemo-nos:

- em seguir a exortação apostólica à unidade, da epístola aos Efésios (Ef 4, 3-6), e a esforçar-nos com perseverança por conseguir uma compreensão comum da mensagem salvífica de Cristo, contida no Evangelho;
- em trabalhar, na força do Espírito Santo, pela unidade visível da Igreja de Jesus Cristo, na única fé, que encontra a sua expressão no recíproco reconhecimento do baptismo e na partilha eucarística, mas também no testemunho e no serviço comum.

II

A Caminho, rumo à unidade visível das Igrejas na Europa

«Por isto todos saberão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros» (Jo 13, 35).

2. Anunciar juntos o Evangelho

O dever mais importante das Igrejas na Europa é o de anunciar juntas o Evangelho, através da palavra e da acção, para a salvação de todos os seres humanos. Face à multiforme falta de referências, ao afastamento dos valores cristãos, mas também à variegada procura de sentido, as cristãs e os cristãos são particularmente solicitados a testemunhar a sua própria fé. Para tanto, impõem-se, a nível local, um maior empenho e uma troca de experiências no plano de catequese e da pastoral. Ao mesmo tempo, é importante que todo o povo de Deus se empenhe junto em espalhar o Evangelho, dentro do espaço público da sociedade, e em conferir-lhe valor e credibilidade também através do empenho social e da assunção de responsabilidades no campo político.

Comprometemo-nos:

- em fazer conhecer às outras Igrejas as nossas iniciativas para a evangelização, e em estabelecer acordos a propósito, para assim evitar uma concorrência prejudicial e o perigo de novas divisões;
- em reconhecer que todo o ser humano pode escolher, livremente e em consciência, a sua própria pertença religiosa e eclesial. Ninguém pode ser induzido à conversão, através de pressões morais ou incentivos materiais. Ao mesmo tempo, a ninguém pode ser impedida uma conversão que seja consequência de uma livre escolha.

3. Ir ao encontro do outro

No espírito do evangelho devemos reelaborar juntos a história das Igrejas Cristãs, que se caracteriza por, para além de muitas boas experiências, também por divisões, inimizades e até conflitos armados. A culpa humana, a falta de amor e frequente instrumentalização da fé e das Igrejas, com vista a

interesses políticos, têm prejudicado gravemente a credibilidade do testemunho cristão.

O ecumenismo, para as cristãs e os cristãos, começa, portanto, com a renovação dos corações e com a disponibilidade para a penitência e a conversão. Constatamos que a reconciliação já aumentou no âmbito do movimento ecuménico.

É importante reconhecer os dons espirituais das diversas tradições cristãs, aprender uns com os outros e deste modo receber os dons uns dos outros. Para um ulterior desenvolvimento do ecumenismo, é particularmente desejável contar com as experiências e as expectativas dos jovens, e encorajar a sua participação e colaboração.

Comprometemo-nos:

- em superar a auto-suficiência, e a pôr de lado os preconceitos, a procurar o encontro recíproco, e a ser uns pelos outros;
- em promover a abertura ecuménica e a colaboração no campo da educação cristã, na formação teológica inicial e permanente, como também no âmbito da pesquisa.

4. Trabalhar juntos

O ecumenismo exprime-se já em múltiplas formas de acção comum. Numerosos cristãos e cristãs de Igrejas diferentes vivem e trabalham juntos, como amigos, vizinhos, no trabalho e no seio das suas próprias famílias. Em particular, devem-se ajudar os casais interconfessionais e viver o ecumenismo no dia-a-dia.

Recomendamos que se criem e apoiem, a nível local, regional, nacional e internacional, organismos destinados à cooperação ecuménica de carácter bilateral e multilateral. A nível europeu, é necessário reforçar a colaboração entre a Conferência das Igrejas Europeias e o Conselho das Conferências Episcopais Europeias, a realizar ulteriores assembleias ecuménicas europeias.

Em caso de conflitos entre Igrejas, há que iniciar e apoiar esforços de mediação e de paz.

Comprometemo-nos:

- em trabalhar juntos, a todos os níveis da vida eclesial, sempre que existam os pressupostos, e isso não seja impedido por motivos de fé ou por objectivos de maior importância;

- em defender os direitos das minorias, e em ajudar a libertar o campo de equívocos e preconceitos, entre Igrejas maioritárias e minoritárias nos nossos Países.

5. Orar juntos

O ecumenismo vive do facto de escutarmos juntos a Palavra de Deus e deixarmos que o Espírito Santo opere em nós e através de nós. Por força da graça assim recebida, existem hoje múltiplos esforços, por meio de orações e celebrações, tendentes a aprofundar a comunhão espiritual entre as Igrejas, e a rezar pela unidade visível da Igreja de Cristo. Um sinal particularmente doloroso da divisão ainda existente entre muitas Igrejas cristãs é a falta de partilha eucarística.

Em algumas Igrejas existem reservas em relação à oração ecuménica em comum. Todavia, numerosas celebrações ecuménicas, cantos e orações comuns, em particular o Pai-Nosso, caracterizam a nossa espiritualidade cristã.

Comprometemo-nos:

- em rezar uns pelos outros e pela unidade dos cristãos;
- em aprender a conhecer e a apreciar as celebrações e as outras formas de vida espiritual das outras Igrejas;
- em diligenciar no sentido do objectivo da comunhão eucarística.

6. Prosseguir o diálogo

A nossa pertença comum, baseada em Cristo, tem um significado mais fundamental do que as nossas diferenças no campo teológico e ético. Existe uma pluralidade que é dom e enriquecimento, mas existem também oposições doutrinais, sobre as questões éticas e sobre as normas canónicas, que, ao invés, têm levado a rupturas entre as Igrejas, um papel decisivo, nesse sentido, tem sido muitas vezes desempenhado também por específicas circunstâncias históricas e por diferentes tradições culturais.

A fim de se aprofundar a comunhão ecuménica, impõe-se absolutamente prosseguir nos esforços tendentes à consecução de um consenso de fé. Sem unidade na fé, não existe plena comunhão eclesial. Não há nenhuma alternativa ao diálogo.

Comprometemo-nos:

- em prosseguir conscienciosamente e intensamente o diálogo entre as nossas Igrejas, aos diversos níveis eclesiais, e em verificar quais os

resultados que possam e devam ser declarados, de forma vinculativa, pelas autoridades eclesíásticas;

- em procurar o diálogo sobre os temas controversos, em particular sobre questões de fé e ética, sobre as quais pende o risco da divisão, e em debater juntos tais problemas, à Luz do Evangelho.



A nossa Responsabilidade comum na Europa

«Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5,9)

7. Contribuir para a construção da Europa

No decurso dos séculos, desenvolveu-se uma Europa caracterizada, no plano religioso e cultural, prevalentemente pelo cristianismo. Entretanto, por causa das falhas dos cristãos, espalhou-se muito mal, na Europa e para além das suas fronteiras. Confessamos a nossa corresponsabilidade em tal culpa, e disso pedimos perdão a Deus e às pessoas.

A nossa fé ajuda-nos a aprender do passado e a empenhar-nos, a fim de que a fé cristã e o amor ao próximo irradiem esperança para a moral e a ética, para a educação e a cultura, para a política e a economia, na Europa e no mundo inteiro.

As Igrejas encorajam uma unidade do continente europeu. Não se pode alcançar a unidade, de forma duradoura, sem valores comuns. Estamos persuadidos de que a herança espiritual do cristianismo representa uma força inspiradora que enriquece a Europa. Com base na nossa fé cristã, empenhamo-nos por uma Europa humana e social, em que se façam valer os direitos humanos e os valores basilares da paz, justiça, da liberdade, da tolerância, da participação e da solidariedade. Insistimos no respeito pela vida, pelo valor do matrimónio e da família, na opção preferencial pelos pobres, na disponibilidade para o perdão e, em todos os casos, na misericórdia.

Enquanto Igrejas e comunidades internacionais, temos de contrariar o perigo de que a Europa evolua para um Ocidente integrado e um Leste desintegrado. Também o desnível Norte-Sul tem de ser levado em consideração. Importa, entretanto, evitar toda a forma de eurocentrismo, e reforçar a responsabilidade da Europa em relação a toda a humanidade, em particular pelos pobres de todo o mundo.

Comprometemo-nos:

- em entendermo-nos quanto aos conteúdos e objectivos da nossa responsabilidade social, e em juntos apoiar o mais possível as exigências e tomadas de posição das Igrejas, face às instituições civis e europeias;
- em defender os valores fundamentais contra todos os ataques;
- em resistir a toda a tentativa de instrumentalização da religião e da Igreja para fins étnicos ou nacionalistas.

8. Reconciliar povos e culturas

Consideramos como uma riqueza da Europa a multiplicidade de tradições regionais, nacionais, culturais e religiosas. Face aos numerosos conflitos, é dever das Igrejas assumir conjuntamente o serviço da reconciliação também para os povos e as culturas. Sabemos que a paz entre as Igrejas constitui, neste contexto, um pressuposto igualmente importante.

Os nossos esforços comuns dirigem-se à avaliação e resolução dos problemas políticos e sociais, no espírito do Evangelho. Desde o momento em que valorizamos a pessoa e a dignidade de cada um enquanto imagem de Deus, empenhamo-nos pela absoluta igualdade de valor de todo o ser humano.

Enquanto Igrejas, queremos promover juntos o processo de democratização na Europa. Empenhamo-nos por uma ordem pacífica baseada na solução não-violenta dos conflitos. Condenamos, portanto, toda a forma de violência contra os seres humanos, sobretudo contra as mulheres e as crianças.

Reconciliação significa promover a justiça social no interior de um povo e entre todos os povos, e em particular superar o abismo que separa o rico do pobre, como também o desemprego. Queremos contribuir juntos, a fim de que seja concedido um acolhimento humano e dignificante a mulheres e homens migrantes, aos refugiados e a quem procure asilo na Europa.

Comprometemo-nos:

- em contrariar toda a forma de nacionalismo, que conduz à opressão de outros povos e de minorias nacionais, e em procurar uma solução não-violenta dos conflitos;
- em melhorar e reforçar a condição e a paridade de direitos das mulheres em todas as esferas da vida, e em promover a justa comunhão entre mulheres e homens, no seio da Igreja e na sociedade.

9. Salvar a criação

Acreditando no amor de Deus criador, reconhecemos com gratidão o dom da criação, o valor e a beleza da natureza. Olhamos, todavia, com apreensão o facto de que os bens da Terra sejam desfrutados sem ter em conta o seu valor intrínseco, sem consideração pela sua escassez nem preocupação pelas gerações futuras.

Queremos empenhar-nos juntos em criar condições sustentáveis de vida para toda a criação. Conscientes da nossa responsabilidade perante Deus, temos de fazer e desenvolver critérios comuns para determinar o que é ilícito no plano ético, mesmo que seja realizável sob o ponto de vista científico e tecnológico. Em todo o caso, a dignidade única de todo o ser humano tem de ter o primado em relação ao que é tecnicamente realizável.

Recomendamos a instituição, por parte das Igrejas europeias, de um dia ecuménico de oração pela salvaguarda da criação.

Comprometemo-nos:

- em desenvolver um estilo de vida em que, em contraste com o domínio da lógica económica e do consumismo reconhecemos valor a uma qualidade de vida responsável e sustentável;
- em apoiar as organizações ambientais das Igrejas e as redes ecuménicas que assumam uma responsabilidade pela salvaguarda da criação.

10. Aprofundar a comunhão com o judaísmo

Uma especial comunhão nos liga ao povo de Israel, com o qual Deus estabeleceu uma eterna aliança. Sabemos na fé, que as nossas irmãs e os nossos irmãos judeus «são amados (por Deus) por causa dos Patriarcas, porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis!» (Rm 11, 28-29). Eles possuem «a adopção filiar, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os Patriarcas; deles nasceu Cristo segundo a condição humana» (Rm 9, 4-5).

Deploramos e condenamos todas as manifestações de anti-semitismo, os *pogroms*, as perseguições. Pelo anti-judaísmo cristão pedimos perdão, e às nossas irmãs e aos nossos irmãos judeus o dom da reconciliação.

É urgente e necessário tomar consciência, no culto e no ensino, na doutrina e na vida das nossas Igrejas, da profunda ligação existente entre a fé cristã e o Judaísmo, da profunda ligação existente entre a fé cristã e o Judaísmo, e apoiar a cooperação entre cristãos e judeus.

Comprometemo-nos:

- em contrariar todas as formas de anti-semitismo e anti-judaísmo, na Igreja e na sociedade;
- em procurar e intensificar, a todos os níveis, o diálogo com as nossas irmãs e os nossos irmãos judeus.

11. Cultivar as relações com o Islão

Desde há séculos, muçulmanos vivem na Europa. Em alguns países eles representam fortes minorias. Por isso tem havido e há muitos contactos positivos, e boas relações de vizinhança entre muçulmanos e cristãos, mas também, por parte de ambos os lados, grosseiras reservas e preconceitos, que remontam a dolorosas experiências vividas no decurso da história e no passado recente.

Queremos intensificar, a todos os níveis, o encontro entre cristãos e muçulmanos, e o diálogo cristiano-islâmico. Recomendamos, em particular, que reflectamos juntos sobre o tema da fé no Deus único, e que se esclareça a compreensão dos direitos humanos.

Comprometemo-nos:

- em ter encontros com os muçulmanos, numa atitude de estima;
- em trabalhar juntamente com os muçulmanos sobre temas de interesse comum.

12. O encontro com outras religiões e visões do mundo

A pluralidade de convicções religiosas, de visões do mundo e de formas de vida tornou-se um traço marcante da cultura europeia. Alastram religiões orientais e novas comunidades religiosas, suscitando também o interesse de muitos cristãos. Além disso, há cada vez mais homens e mulheres que rejeitam a fé cristã, têm com ela uma relação de indiferença, ou seguem outras visões do mundo.

Queremos levar a sério as questões críticas que nos são colocadas, e esforçar-nos por entrar num debate leal. Importa, a propósito, distinguir as comunidades com as quais se deve procurar diálogos e encontros daquelas face às quais, numa óptica cristã, pelo contrário há que acautelar-se.

Comprometemo-nos:

- em reconhecer a liberdade religiosa e de consciência, das pessoas e comunidades, e em fazer que elas, individual e comunitariamente, em

privado e em público, possam praticar a sua própria religião ou visão do mundo, no respeito do direito vigente;

- em estar abertos ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade, em buscar com elas objectivos comuns, e em lhes testemunhar a fé cristã.

**Jesus Cristo, Senhor da Igreja una,
é a nossa maior esperança de reconciliação e de paz.
Em seu nome queremos prosseguir na Europa o nosso caminho
juntos. Deus nos assista com o seu Santo Espírito!**

*O Deus da esperança vos encha de todas as alegrias e paz na fé,
para que abundais na esperança pela virtude do Espírito Santo
(Rm 15, 13).*

Na qualidade de Presidentes da Conferência das Igrejas Europeias (KEK) e do Conselho das Conferências Episcopais Europeias (CCEE) recomendamos esta Charta Oecumenica como texto base para todas as Igrejas e Conferências Episcopais da Europa de modo a que seja recebida e adaptada ao contexto específico de cada uma delas.

Com esta recomendação subscrevemos a Charta Oecumenica no contexto do Encontro Ecuménico Europeu, neste primeiro Domingo depois da Páscoa comum do ano de 2001.

Estrasburgo, 22 de Abril de 2001

Metropolita Jeremie
Presidente da
Conferência das Igrejas Europeias

Card. Miloslav Vlk
Presidente do
Conselho das Conferências
Episcopais Europeias